



Fernando Echevarría

Obra Poética

O poema surge como se entre a luz e o escuro não existissem afastamentos, mas antes uma atração intensa, que visita o nascimento e a morte com o brilho da palavra, em «jogos de ciência antiga», onde se revelam e subtilmente se ocultam sinais contrários, a antítese que deixa «os caminhos abertos ao amor da sombra». A poética de Fernando Echevarría não será em si mesma o verbo evangélico, apesar do simbolismo da luz, especialmente em *Media Vita*. É uma lírica que sabe imprimir todas as inquietações. Poemas de uma recorrente «via dolorosa», arquitetada, todavia, de forma depurada, com o tempo a fundar, na perfeição, um envolvimento poeta-leitor, o Eu e o Outro, plenos na lúcida passagem das suas pulsações.

*Nafragando no sono, à superfície / o corpo venerando / guarda só
quase a efígie / e a tepidez da solidão do espaço. / Ou essa tez que
erige / transparência. Mas, de facto, / oculta os enigmáticos países / da
infância mais antiga. Onde voltamos, / sem o saber, deixando atrás a
triste / ignorância do corpo abandonado. / E dizem disto que dormimos.
Dizem / que se afastou um barco. / A verdade, contudo, é que, felizes,
/ partimos pela morte. Que do âmagô / do corpo quente se desprende
o timbre / para um destino enigmático. / De que regressa à opacidade
triste / de corpo estremunhado.*

Eis a peregrinação da poesia pelos caminhos da «modulação da existência», tal como o deseja Merleau-Ponty; uma articulação da luz e da sombra, enigma essencial na arte poética de Fernando Echevarría, que se projeta na universalidade em demanda do «sentido da criação» e da unidade da escrita. Uma busca, porém, sempre habitada, pois desse âmago parte a descoberta, a «consciência do ser» em trânsito «(...) a ver o nunca visto e, para sempre, aberto».

Um encontro, entre outros, com Fernando Echevarría é possível – e mais de perto – ao tocarmos as páginas que reúnem quatro anos da vida literária do autor de *Entre Dois Anjos*: a coletânea *Poesia 1987-1991*, inserindo cerca de duas centenas de poemas das obras *Figuras* e *Sobre os Mortos*, sementes luminosas e disseminadas por memórias transfiguradas com um extremo rigor estético, que um dado perfil barroco engrandece pela riqueza metafórica e pela fluidez de uma linguagem que reitera um poeta da «aventura existencial». Aquele que diz:

Foi subindo pelos montes. / Andou por entre as palavras / que estremeciam. Por nomes / de rios e maré alta. / De cada lugar que o houve / partiu mais sem si. Com alma / de quem indo sendo pobre, / vê o mundo mais à larga. / Mas, um dia, muito longe, / mais velho do que a montanha, / deu com o canto. E a fonte / de onde o riso vinha em lágrimas.

Por entre as palavras andam os lugares, os frutos, o canto, o riso e as lágrimas de Fernando Echevarría. São as palavras-poema onde cria o espaço perturbador do ser e do ver por dentro; de onde irrompem o eco da viagem, o vento, o timbre da solidão, a transparência dos silêncios. E sempre «o tempo a abrir-se a uma jornada». Essa arte do verso afinadamente escrito do avesso para não sucumbir ao «alcatruz das águas».